



DAWKINS, Richard. Deus – Um delírio. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 520 p.

Claudiomir Selner¹

Não se pode negar que a mente de Richard Dawkins é privilegiada. Em “Deus, um delírio” (bem como outros livros, como “O Gene Egoísta”) é inegável a sua capacidade de argumentar em favor do materialismo das ciências naturais, assim como fez Ernst Haeckel e, antes dele, Charles Darwin.

Possuidor de uma disposição ferrenha, Dawkins não tem dúvidas sobre a forma como se estabeleceram as coisas pelas relações de causa-e-efeito, desde o surgimento do universo. O tempo cósmico parece ser o único deus, mitológico obviamente, a forjar o mundo. Não parece ter sido necessário mais que um Chronos preguiçoso, para que as coisas fossem se auto-organizando a ponto do surgimento da vida e, dela, as multiformas complexas de seres vivos, como se veem hoje.

Não vejo como tarefa possível falar, em poucas palavras, todas as implicações de “Deus, um delírio”. Por isso, gostaria de refletir sobre apenas um dos aspectos de sua tese central. Tomando como pressuposto o que o próprio autor do livro diz, que “Qualquer inteligência criativa, de complexidade suficiente para projetar qualquer coisa, só existe como o produto final de um

¹ Claudiomir Selner é Doutor em Engenharia de Produção e Sistemas pela UFSC, Florianópolis – SC. É professor de Teoria Geral dos Sistemas e Análise de Sistemas nos cursos do Departamento de Ciências da Computação da UDESC, em Joinville – SC, bem como professor de Filosofia da Ciência na FLT. E-mail: claudiomir.selner@gmail.com.

processo extenso de evolução gradativa” e que “Inteligências criativas, por terem evoluído, necessariamente chegam mais tarde ao universo e, portanto, não podem ser responsáveis por projetá-lo”, começo minha reflexão perguntando se essas afirmações podem ser aceitas como universalmente válidas. O que me leva a esse questionamento é o simples fato de a teoria da evolução ser apenas uma hipótese e não fato em si. E ainda que se assuma, diante dos inúmeros elementos de evidência (sim, evidência! Não provas conclusivas, o que estabelece a hipótese evolucionista como uma boa teoria para se lidar com a realidade, mas não para afirmar que ela representa fatos!), que a teoria da evolução é plausível, ela nada fala do que havia antes do início do universo do qual nós, e nossa inteligência, fazemos parte. A teoria da evolução não fala daquilo que havia (ou melhor, NÃO havia) antes de tudo o que se pode conhecer. Supor, como supõem os materialistas, que o mundo (espaço, tempo, matéria) foi criado de uma única partícula elementar é, no mínimo, aceitar a hipótese de que o que conhecemos tem seu limite precisamente nesse pormenor. E isso sem descartar a hipótese de que nossa realidade pode ser parte de um conjunto de muitas realidades paralelas. Ou, dito de outra forma, o que conhecemos não descarta outras dimensões, cuja hipótese de existência é atualmente aceita pela própria ciência. A afirmação de que inteligências criativas só podem advir de processos evolutivos pode ser feita para inteligências numa realidade específica (talvez essa em que vivemos), mas não descarta a possibilidade de que antes do início dessa realidade (no caso, antes das eras em nosso mundo e até paralelamente ao mundo em que vivemos) já existia alguma inteligência criadora.

Mas, acho que a presunção ateísta de Dawkins (especificamente a dele!) nem é tão grave no que concerne à sua suposição de que uma mente criadora só poderia ter surgido de um processo evolutivo e, daí, a inferência de que não possa existir um ente criador. Mais preocupante, parece-me, é que em determinados momentos de sua argumentação ele deixa de lado as afirmações plausíveis a partir de sua tese, para se concentrar no ataque às religiões em si. Nesse ponto acredito que ele comete seus mais graves deslizos. Em “Deus, um delírio” ele afirma que a religião nos ensina que é uma virtude nos contentarmos com o não entendimento, enquanto a ciência usa evidências para descobrir a verdade sobre o universo. O problema é que Dawkins afirma igualmente (*expressis verbis*) que a ciência surgiu de uma tradição religiosa. Isso me parece uma contradição, ou de Dawkins ou da própria religião, porque ou bem a religião nos leva a nos contentarmos com o não entendimento e de seu seio não pode ser derivada a ciência, ou é Dawkins quem

está em contradição! Segundo Dawkins, a ciência conseguiu uma emancipação do impulso de atribuir o sentimento de veneração que todos sentem (inclusive ele mesmo!) pela beleza da natureza, a um ser criador. Para ele, foi uma conquista suprema do intelecto humano entender que existe uma explicação melhor para essas coisas. Que essas coisas podem surgir por pura causa natural. O problema é que a filosofia da ciência já nos ensinou que afirmações feitas numa época, precisam ser desfeitas em outra, sobretudo quando há ainda muitas lacunas a serem preenchidas, quanto ao saber sobre as coisas. E é o próprio Dawkins quem afirma que nós, agora no início do século XXI, continuamos não sabendo tudo, através da ciência. Que ainda existem lacunas em nosso entendimento. Que nós não entendemos como o cosmos veio a existir e que ainda precisamos trabalhar nisso. Ora, sabendo disso, a indagação que faço é sobre como ele pode afirmar que “hoje **entendemos** essencialmente como a vida surgiu e que **sabemos** que somos primos de todos os animais e plantas”? E como ele pode afirmar que “também **sabemos** que somos descendentes de um ancestral comum, que **deve ter sido** algo do tipo da bactéria”? (Aliás, dizer que “deve ter sido” já indica que não sabemos de fato, mas apenas de evidência!). Como ele pode afirmar que “**sabemos** o processo pelo qual surgimos e que apenas **não sabemos os detalhes**, mas **entendemos essencialmente** como surgimos”? Se não sabemos os detalhes, não seria mais prudente não fazer generalizações de qualquer tipo e, sobretudo, nunca uma de alcance tão amplo como a de que “Deus não existe”?

Reconhecer (como faz Dawkins) que existem lacunas em nosso entendimento e que nós não entendemos como o cosmos veio a existir (em que pese os cientistas estejam trabalhando nisso! sic.), no mesmo discurso em que se fazem afirmações categóricas sobre a origem das coisas, fere de forma visceral o princípio mais básico da filosofia da ciência, que recomenda cuidado sobre as afirmações que são feitas sobre o aspecto específico observado e, de forma categórica, que as generalizações são sempre provisórias. A atitude científica de uma busca constante pela ignorância, para que possamos acabar com essa ignorância (conforme ele sugere), não é categórica sobre os resultados alcançados pela ciência, mas apenas sobre o processo científico. Aliás, parece ser fato que a ignorância não mostra sinais de fracasso, logo, todo cuidado é pouco ao se fazer generalizações. E esse é o ponto: se a filosofia da ciência é de fato essa (se o jeito da ciência é de fato esse!), também é fato nessa mesma filosofia que nada se pode afirmar sobre o todo, até que todas as lacunas estejam cobertas. Isso porque

na medida em que as lacunas de ignorância são cobertas pelo conhecimento do “o quê” são as coisas, a explicação sobre o porquê das coisas serem como são também pode mudar. E pode mudar radicalmente, como já nos mostrou a história recente em casos como o da reinterpretação da teoria da gravidade, que durou 200 anos desde Newton até Einstein.

Concluindo essa reflexão, é fato que a fé é necessária tanto na religião quanto na ciência, na medida em que elas têm apenas evidências, e não provas, à disposição para suas afirmações. Não existem provas definitivas, por exemplo, sobre a teoria da relatividade e tampouco para as teorias relacionadas ao mundo subatômico. Atualmente, tanto a teoria da relatividade quanto as teorias que suportam a hipótese atômica são baseadas em evidências, não em fatos. O aspecto em questão é que Richard Dawkins se mostra um materialista ingênuo ao afirmar a inexistência do mundo imaterial, sendo que crê em certos aspectos do mundo material apenas por suas evidências. O mais bizarro é que, para provar sua perspectiva, utiliza-se precisamente do dispositivo das ideias, coisa que é absolutamente imaterial ou, se preferirmos, absolutamente espiritual. Como afirma Edgar Morin, a surpreendente potência do espírito é demonstrada justamente pelos materialistas em seus argumentos, porque são apenas ideias (portanto, algo imaterial) sobre a matéria que são utilizadas para argumentar e negar as ideias sobre o espírito. Para o psiquiatra Karl Gustav Jung, espírito e matéria são igualmente fantásticos, porque deles não temos outra coisa senão ideias (ou espírito, se preferirmos). Nesse sentido, a disputa que Dawkins trava com as religiões é inócua. Isso porque ele supõe ser uma disputa do mundo material contra o imaterial, quando não o é! Ele supõe ser uma luta entre seres materiais contra seres de espírito. O que ele parece não perceber é que a disputa sempre é de ideias sobre seres materiais contra ideias sobre seres de espírito. Logo, a disputa é no campo das ideias, na noosfera (apropriando-se de uma expressão atribuída ao filósofo francês Teilhard de Chardin), onde habitam os seres de espíritos: os espíritos das supostas matérias contra os espíritos das supostas ideias (ou, se preferir, as ideias dos supostos espíritos contra as ideias das supostas matérias).